



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Desporto [ST]

---

**A ROTA INVERSA DOS DESCOBRIMENTOS: A DISCUSSÃO DA IMPRENSA LUSITANA A RESPEITO DA PRESENÇA DE BRASILEIROS NA SELEÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL**

---

MARQUES, José Carlos

Doutor em Ciências da Comunicação

Universidade Estadual Paulista – UNESP / Brasil

[zeca.marques@uol.com.br](mailto:zeca.marques@uol.com.br)

---



### Resumo

Este artigo verifica como os jornais portugueses retrataram em suas páginas a presença de futebolistas e treinadores brasileiros que defenderam a Seleção Portuguesa em duas épocas distintas. No caso dos treinadores, temos inicialmente a presença do carioca Otaviano Martins Glória (mais conhecido por Otto Glória) no comando da equipe lusa na Copa do Mundo de Futebol de 1966. O outro treinador é o gaúcho Luiz Felipe Scolari, que permaneceu no comando da seleção de Portugal de 2002 a 2008 (nesse período, destacam-se o quarto lugar no Mundial de 2006 e o vice-campeonato europeu de 2004). No caso dos jogadores que obtiveram a nacionalidade portuguesa, temos os casos de Deco (Anderson Luís de Souza, naturalizado em 2002), Pepe (Képler Laveran Lima Ferreira, 2007) e Liedson (Liedson da Silva Muniz, 2009). A investigação procurou analisar como a imprensa portuguesa operou os níveis de recorte e de reconstrução da noção de brasilidade diante da presença desses futebolistas e treinadores brasileiros atuando pela Seleção de Portugal em competições internacionais – em duas delas, aliás, enfrentando o Brasil em partidas de Copas do Mundo: em 1966, com o Portugal 3 x 1 Brasil na Inglaterra; e em 2010, com o Portugal 0 x 0 Brasil, na África do Sul. A partir de conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, a pesquisa analisou o discurso textual e imagético dos seguintes jornais portugueses: os generalistas *Diário de Notícias*, *Público* e *Jornal de Notícias*; e os jornais esportivos *A Bola*, *Record* e *O Jogo*.

### Abstract

This paper verifies how the Portuguese newspapers portrayed in its pages the presence of Brazilian footballers and coaches who defended the Portuguese national team in two different seasons. For coaches, initially we have the presence of Octavian Martins Glória (better known as “Otto Glória”) in charge of the Portuguese team in the World Cup 1966. The other coach is the gaúcho Luiz Felipe Scolari, who remained in charge of selection of Portugal from 2002 to 2008 (during this period stand out in fourth place in the 2006 World Cup and European vice-champion in 2004) . For players who obtained Portuguese nationality, we have Deco (Anderson Luis de Souza, naturalized in 2002), Pepe (Kepler Laveran Lima Ferreira, 2007) and Liedson (Liedson da Silva Muniz, 2009). The research sought to examine how the Portuguese press operated clipping levels and reconstruction of the concept of Brazilianness in the presence of these Brazilian footballers and coaches acting for Selection of Portugal in international competitions – two of them, in fact, facing Brazil in Cup matches the World in 1966, with 3 x 1 Portugal Brazil in England; and in 2010, with Portugal 0 x 0 Brazil, in South Africa. From concepts of discourse analysis French line, the research analyzes the textual and imagistic discourse following Portuguese newspapers: *Diário de Notícias*, *Público* and *Jornal de Notícias*; and the sports newspaper *A Bola*, *Record* and *O Jogo*.

Palavras-chave: imprensa portuguesa; futebol; Brasil; Seleção Portuguesa; jornalismo.

Keywords: Portuguese press; football; Brazil; Portuguese National Team; journalism.



## 1. Introdução

Este artigo verifica como os jornais portugueses retrataram em suas páginas a presença de futebolistas e treinadores brasileiros que defenderam a Seleção Portuguesa em duas épocas distintas. No caso dos treinadores, temos inicialmente a presença do carioca Otaviano Martins Glória (mais conhecido por Otto Glória) no comando da equipe lusa na Copa do Mundo de Futebol de 1966. O outro treinador é o gaúcho Luiz Felipe Scolari, que permaneceu no comando da seleção de Portugal de 2002 a 2008 (nesse período, destacam-se o quarto lugar no Mundial de 2006 e o vice-campeonato europeu de 2004). No caso dos jogadores que obtiveram a nacionalidade portuguesa, temos os casos de Deco (Anderson Luís de Souza, naturalizado em 2002), Pepe (Képler Laveran Lima Ferreira, 2007) e Liedson (Liedson da Silva Muniz, 2009).

A investigação procurou analisar como a imprensa portuguesa operou os níveis de recorte e de reconstrução da noção de brasilidade diante da presença desses futebolistas e treinadores brasileiros atuando pela Seleção de Portugal em competições internacionais – em duas delas, aliás, enfrentando o Brasil em partidas de Copas do Mundo: em 1966, com o Portugal 3 x 1 Brasil na Inglaterra; e em 2010, com o Portugal 0 x 0 Brasil, na África do Sul. A partir de conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, a pesquisa analisou o discurso textual dos seguintes jornais portugueses: os generalistas *Diário de Notícias*, *O Século*, *Público* e *Jornal de Notícias*; e os jornais esportivos *A Bola*, *Record* e *O Jogo*.

Partimos da hipótese de que, ao contrário do que ocorreu em 1966, quando a presença de Otto Glória na Seleção Portuguesa teve positiva aceitação do público e da imprensa lusitanas, a nova “invasão brasileira” do começo do Século XXI foi recheada de tensões e conflitos, os quais ganharam voz ampla na imprensa portuguesa, mas acabaram sendo silenciados em grande medida pela imprensa brasileira.

No início do Século XXI, com as duas nações vivenciando o amplo funcionamento de suas instituições democráticas, Portugal passou a figurar no cenário futebolístico mundial como um dos principais mercados para profissionais brasileiros. Numa rota inversa dos descobrimentos marítimos, o novo milênio vem apontando também para um fluxo contrário de imigração, em que a ex-metrópole se vê às voltas com o protagonismo da ex-colônia, num universo desportivo sempre permeável a manifestações de intolerância e xenofobia.

O objetivo da investigação foi o de verificar como a imprensa portuguesa operou os níveis de recorte e reconstrução do conceito de brasilidade, ao tratar dos futebolistas e treinadores brasileiros que atuaram por Portugal nestas competições internacionais. Isso pôde ser corroborado pela leitura dos jornais selecionados, nos quais ficaram flagrantes os conflitos, os estigmas e os estereótipos presentes na imprensa lusa diante do novo processo de globalização e dos fluxos migratórios do Século XXI, com a presença maciça de profissionais brasileiros a serviço da Seleção Portuguesa de futebol.

A hipótese inicial, segundo a qual a presença de Otto Glória na Seleção Portuguesa teve positiva aceitação da imprensa em 1966 – ao contrário da “invasão brasileira” do começo do Século XXI –, ficou comprovada pela ausência de tensões e conflitos refletidos nas páginas dos jornais que fizeram a cobertura do Mundial de 1966. No entanto, a figura de Otto Glória, na imprensa portuguesa, não recebeu a mesma projeção que se dá a ele nos registros históricos da imprensa e da literatura brasileira sobre futebol.

Nascido no Rio de Janeiro (RJ) em 09/01/1917 (e falecido em 04/09/1986), Otto Glória esteve à frente da Seleção Portuguesa em dois momentos: 1966 e de 1982 a 1983. Em 1966, poucas semanas antes do início da Copa do Mundo, ele havia sido campeão nacional do futebol português como técnico do Sporting Clube de Portugal, tradicional clube de Lisboa. Antes de treinar o Sporting, ele já havia sido técnico dos outros dois principais clubes do país – o Sport Lisboa e Benfica e o Futebol Clube do Porto – e já atuava em Portugal desde 1954. Isto significa que Otto Glória era um personagem afeito e conhecedor da realidade do futebol português, ao contrário do que irá acontecer em 2002, quando o técnico Luiz Felipe Scolari é designado para treinar a Seleção de Portugal.

## 2. Referencial Teórico

Para dar conta das análises aqui propostas, faremos uso dos referenciais teóricos subordinados à Análise do Discurso (AD) de linha francesa, conjunto epistemológico que assume papel preponderante a partir da década de 1960 na Europa. Surgida na França, a AD representava uma tentativa de suprir as insuficiências da análise de conteúdo praticada nas ciências humanas e que se ocupava apenas da projeção de uma realidade extradiscursiva, não levando em conta as articulações lingüísticas e textuais da obra. A Análise do Discurso, por sua vez, preocupou-se logo em fazer uma análise textual, realçando o modo de funcionamento lingüístico-textual dos discursos (Pêcheux, 1990).

Em sua gênese, a AD de linha francesa originou-se de três práticas notadamente européias: a da tradição filológica; a da explicação de textos como exercício de leitura (comum no aparelho escolar francês); e a do estruturalismo. O pensamento dominante naquele momento era o de Louis Althusser (que procedeu a uma releitura das idéias marxistas), por meio dos estudos de Michel Pêcheux. Este concebe uma nova teoria do discurso que serviria, assim, para dar conta daqueles estudos que procuravam ver, na linguagem, um lugar privilegiado de materialização da ideologia. Esse objeto complexo que é a linguagem passa a ser concebido não apenas em seu componente lingüístico, mas também em seu componente sócio-ideológico que a lingüística saussuriana não abarcava (Orlandi, 2001).

Sobre a Análise de Discurso de linha francesa, cabe lembrar ainda que suas principais propostas eram:

- a) suprir as limitações da análise estruturalista, que se ocupava das articulações lingüísticas e textuais da obra, mas que não levava em conta a realidade extradiscursiva da obra e as condições sócio-históricas de sua produção.
- b) Analisar a relação que se estabelece entre o nível lingüístico (os sistemas de regras e categorias da língua) e o não-lingüístico (local das realizações históricas, sociais e políticas da obra).
- c) Conceber a linguagem não apenas em seu componente lingüístico, mas também em seu componente social e ideológico – algo desprezado pelas análises lingüísticas saussurianas.
- d) Realizar leituras críticas e reflexivas que pudessem captar as relações de antagonismo, de aliança e de dissimulação que se processam em diferentes formações discursivas.

A partir desse quadro, vemos que os conceitos epistemológicos de surgimento da AD estão marcados pelo materialismo histórico, pela lingüística, pela teoria do discurso e pela psicanálise lacaniana. E, além da influência de Althusser e do trabalho de Pêcheux, outro filósofo que norteou os estudos da AD foi Michel Foucault, que se voltou para a análise de diferentes práticas discursivas a partir da concepção do discurso como dispositivo enunciativo e institucional. Dentre os objetivos da AD de linha francesa, portanto, estava a apreensão da linguagem enquanto discurso, analisando a relação que se estabelece entre o contato do lingüístico (os sistemas de regras, normas e categorias) com o não-lingüístico (local das realizações históricas, sociais e políticas).

A solidificação epistemológica da AD sofrerá ainda grande influência da obra do russo Mikhail Bakhtin (1992), segundo o qual o sujeito deveria ser visto como elemento participativo e atuante do processo comunicativo. O sujeito, portanto, manteria uma posição de interação com a sociedade e a linguagem. Para Bakhtin, o sujeito não seria tão “assujeitado”, pois poderia apropriar-se de discursos alheios por meio de escolhas e de estabelecimento de estratégias. Desse modo, o sujeito não seria apenas o divulgador de um discurso preexistente, mas um agente dentro do processo discursivo, capaz de modificar o discurso social (Pinto, 1999).

Diante desse panorama, uma discussão pertinente às ciências da linguagem e à Análise do Discurso diz respeito ao conceito da subjetividade, cuja gênese pode ser vislumbrada junto aos filósofos gregos (a partir do conceito de Ser autônomo), passando pelo cartesianismo (em que a noção de sujeito está ligada à noção de representação) e chegando a uma nova configuração do Ser guiado pelas contradições, na esteira dos trabalhos de Hegel sobre a Dialética, de Marx e de Freud. No plano da linguagem, porém, que é o que importa na configuração deste trabalho, o conceito de subjetividade é vislumbrado a partir de três momentos: a) o inaugurado por Émile Benveniste e que mostra a subjetividade como uma busca da constituição do sujeito no interior de seu discurso; b) outro influenciado pela teoria da ideologia e que mantém a questão do

sujeito no quadro de uma formação ideológica e discursiva; c) e, por último, o momento que, influenciado pelo russo Mikhail Bakhtin e pela psicanálise, vê o discurso como espaço marcado por heterogeneidades, donde surge um sujeito dividido, que procura harmonizar as diferentes vozes presentes em sua fala em busca da unidade e da coerência (Orlandi, 1997).

A noção de subjetividade caminha assim da transparência representacional do sentido para a sua opacificação pela linguagem. O reconhecimento do sujeito em sua complexa multiplicidade vai ao encontro, assim, da preocupação de nossos dias que fundamenta o pós-modernismo: trata-se do percurso da fragmentação, da heterogeneidade, e da multiplicidade. Trazendo a discussão mais próxima do discurso textual, da narrativa, a subjetividade configura-se exatamente na capacidade de o locutor propor-se como sujeito, por meio de uma enunciação que se identifica com o próprio ato. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo, mas como uma unidade que assegura a permanência da consciência. Trata-se, enfim, de uma consciência de si mesmo que só é possível experimentar-se pelo contraste. Não se emprega 'eu' a não ser dirigindo-se a alguém, que será nessa um 'tu' (Benveniste: 1976).

Assim, o "eu" propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se o meu eco ao qual digo "tu" e que me diz "tu". É portanto numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade. Mas a que se refere o "eu": o "eu" refere-se ao ato de discurso individual no qual é pronunciado e no qual se designa o locutor. Em suma, é na instância de discurso na qual "eu" designa o locutor que este se anuncia como sujeito. O fundamento da subjetividade está no exercício da língua.

Já para o também francês Michel Pêcheux, o objeto de estudo deixou de estar centrado na fala, na escrita ou no texto, para recair nas condições, na situação e no momento de produção do discurso. O discurso: prática social entendida enquanto um processo, cuja análise deve partir de suas condições de produção, e não apenas de seus produtos. O discurso, para Pêcheux, é um palco de vozes sociais, determinado pelo tecido histórico-social em que está inserido. Desse modo, analisar o discurso seria buscar os vestígios da história e da memória que constituem esse mesmo discurso.

Além da subjetividade, outro conceito advindo da Análise do Discurso e que se instala confortavelmente na leitura do jornalismo esportivo é o que relaciona a categoria dos pressupostos, por meio do conceito de implícitos estabelecido por Oswald Ducrot (1987). Segundo ele, o ato de pressupor configura-se numa tática argumentativa, na qual o enunciador leva o enunciatário a aceitar o conteúdo pressuposto por força da utilização de um discurso persuasivo-argumentativo. Nas definições de Dominique Maingueneau, o pressuposto inscreve-se na estrutura do enunciado, independentemente do contexto, enquanto o subentendido só funciona a partir do contexto: "o subentendido é inferido de um contexto singular e sua existência é sempre incerta; já o pressuposto é estável. O primeiro é tirado do enunciado, o segundo da enunciação." (Maingueneau, 1996, p. 92)

O pressuposto cria assim uma cumplicidade entre os dois personagens do diálogo (destinatário e receptor), impregnando ainda, no ato de comunicação, as marcas do emprego retórico da linguagem. Os exemplos dos pressupostos nas crônicas, colunas e fotografias aqui estudadas são tantos que forçam o leitor a se familiarizar rapidamente com o mundo do futebol, sob pena de perder as referências contextuais. E isso provoca ainda mais o estreitamento e a cumplicidade entre locutor e interlocutor, instaurando o tom de familiaridade, de "conversa fiada", de confiança, que caracteriza a crônica. O leitor se habitua a ler seu cronista e as imagens jornalísticas do mesmo jeito que se acostuma com o café tomado pela manhã ou com determinada marca de cigarros.

Outro ponto importante que advém da AD é a noção sobre o "efeito de sentido" (Brandão, s/d). Todo discurso é atravessado por outros discursos, que mantêm entre si relações de contradição, dominação, confronto, aliança, complementação etc. Um mesmo enunciado pode assumir diferentes sentidos numdiscurso, uma vez que o sentido não é dado *a priori*; as palavras só adquirem sentido dentro de uma formação discursiva, e o sentido é construído historicamente. Logo, o discurso é concebido por meio dos efeitos de sentido que se produzem entre dois ou mais interlocutores. O objetivo final da análise do discurso

é descrever o funcionamento do texto e mostrar como se produzem os sentidos, isto é, quais os mecanismos de significação.

Para AD, ainda, deve-se procurar sempre conhecer a exterioridade pela maneira como os sentidos são trabalhados no texto, na sua discursividade. É preciso que se continue a perscrutar um caminho que está fora do dizer textual, que silencia através do não-dito, mas que pode ser apontado em termos discursivos. Para interpretar e compreender o discurso como objeto simbólico e histórico que produz sentido, é preciso considerar e conhecer também a sua regularidade, ou seja, é preciso conhecer os eventos que estavam em curso durante a elaboração desse discurso; é necessário enxergá-lo no momento em que ele acontece; é preciso tratá-lo em sua própria instância de aparecimento, no jogo onde vai atuar; é preciso compreender o processo histórico e ideológico em que se deu a produção de acontecimentos, ou seja, o momento histórico que influenciou a criação do discurso.

### 3. Breves análises: Otto Glória e o Mundial de 1966

Um juízo pouco comum à imprensa brasileira diz respeito ao *status* de Otto Glória no Mundial de futebol de 1966. No Brasil, o sucesso da selecção portuguesa em sua primeira prestação numa Copa do Mundo deveu-se especialmente ao fato de o time contar com o técnico brasileiro. Ignora-se, entretanto, que Otto Glória era apenas o técnico de jogo da equipe, enquanto que o trabalho principal de gestão da equipe ficava a cargo do português Manuel da Luz Afonso (31/01/1917 – 15/10/2000), que era o selecionador da equipe. Isso implica dizer que cabia a Manuel da Luz Afonso o trabalho de direcção e selecção do time, enquanto que Otto Glória, numa função adjunta, ditava os treinamentos de campo. No início do Mundial, a imprensa portuguesa, sem exceção, dá claro protagonismo a Luz Afonso na cobertura da Copa de 1966, destinando a Otto Glória um papel secundário na condução dos destinos da equipe.

Destaca-se nesta dualidade de figuras ao comando da selecção portuguesa o lugar ocupado por eles, como se pode ver no trecho a seguir publicado no jornal *A Bola*, em 07/07/1966, sob o título: “Chegou a hora: Road to Manchester”:

*Há, realmente, neste grupo de jogadores que Manuel da Luz Afonso (a fleuma e a serenidade britânica no meio da grande procera clubista do ambiente nacional) e Otto Glória (a sagacidade, a esperteza e a “ronha” de um “português dos trópicos”, como são todos os brasileiros) mantêm, há umas semanas, na “olaria” de um regime de preparação adequado, menos exigente e “militarão” do que as grandes concentrações dos “funcionários do Estado” dos países do Leste Europeu, mas mais sério e exigente do que os nossos habituais períodos de estágio, vividos entre o loto e a sueca e o telefonemazinho libidinoso, qualquer coisa que impressiona e conforta: uma frescura, uma alegria e uma confiança, uma ligeireza, claramente pouco habituais nos nossos futebolistas, em especial se o solestício do Verão está à porta...*

Percebe-se aqui como o comandante brasileiro da selecção responde pelos atributos típicos do que poderíamos chamar de “malandragem” (a sagacidade, a esperteza e a “ronha”), enquanto que o comandante português permanece vinculado a atributos mais racionais (a fleuma e a serenidade britânica).

No mesmo jornal *A Bola*, na edição de 30/07/1966, Manuel da Luz Afonso aparece como o elemento tranquilizador da equipe: “É altura de falarmos de um dos homens que conquistaram tão brilhante posição para Portugal, no Campeonato do Mundo de 1966. Manuel da Luz Afonso foi um ‘general’ sereno e confiante” (Trata-se da matéria assinada por Vítor Santos e intitulada “Analisando uma bela campanha: Venceríamos a Inglaterra se o jogo tivesse sido quando defrontámos o Brasil – considera Manuel da Luz Afonso, o selecionador “mais vitorioso” da história do futebol português” – pp. 5-6). Para Otto Glória, normalmente eram destinadas no mesmo jornal outras designações, como “técnico experimentado” ou “o sabedor técnico brasileiro”.

Já na edição de 01/08/1966, no texto “Homenagem devida a Otto Glória – único brasileiro vencedor”, *A Bola* procura recompensar o técnico brasileiro pela positiva prestação de Portugal na Copa de 1966 (chega ao surpreendente terceiro lugar, em sua primeira participação em mundiais de futebol). Esse reconhecimento,





*elementos dispersos, criou uma equipa valorosa e homogénea, que todo o mundo reconheceu como uma grande equipa.*

*No momento do regresso dos nossos rapazes que com brilho nunca ultrapassado em coisas de desporto representaram Portugal é justo recordar estes dois nomes e prestar-lhes a homenagem a que têm direito.*

Antes disso, porém, a hipótese de um brasileiro defrontar a equipe de seu país natal torna-se um dos valores que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, ou seja, aquilo a que Nelson Traquina chama de “critério de noticiabilidade”. As notícias, de forma geral, apresentariam um ‘padrão’ geral quase sempre estável, previsível, e essa previsibilidade do esquema das notícias seria decorrente da “existência de critérios de noticiabilidade” (Traquina, 2002).

Singularmente, Otto Glória passa também a ser denominado como “treinador português” ou “treinador 80% português”. A vitória de Portugal por 3 x 1 na partida diante do Brasil ganha destacado simbolismo em função de os portugueses terem eliminado os bicampeões mundiais de então e ainda em função das relações históricas entre os dois países. As relações “fraternas” entre os dois povos são assim colocadas em relevo, como se pode ver neste trecho da matéria “O país inteiro vibrou com o êxito da Seleção Nacional”, de 20/07/1966, na qual *O Jornal de Notícias* resume o sentimento diante da euforia do triunfo:

Pode-se afirmar que o país vibrou, ontem, de lés a lés, com a clamorosa e nítida vitória alcançada pela seleção nacional frente ao poderoso “escrete de ouro”. Desde há muito que os desportistas portugueses cobiçavam uma vitória deste paladar sobre a forte representação futebolística do país irmão.

Dois dias depois, em 22/07/1966, chama a atenção o texto “Alea Jacta est”, do correspondente especial Gomes Barbosa, na coluna Crónica de Londres do mesmo *Jornal de Notícias*:

Uma palavra cabe aqui para os **nossos irmãos de Além-Atlântico**, que batemos com lealdade no terreno amigável do desporto, porque tantos jogadores como sua imensa “torcida”, na generalidade, aceitaram desportivamente a vitória portuguesa: a vossa natural mágoa por tão prematuro afastamento da prova máxima do desporto-rei, que em nada reduz o vosso real mérito de bicampeões do Mundo, será um pouco suavizada por verem continuar na luta uma **“turma” de sangue lusitano como o vosso** e, mais ainda, se para as respectivas mãos passar a Taça Jules Rimet neste ano de 1966. (*Os grifos são nossos*).

Como se pode notar, as rivalidades praticamente são anuladas em torno de uma atmosfera de fraternidade e boa vizinhança, no sentido de que, eliminado o Brasil da competição, caberia a Portugal resgatar o ethos de uma “lusofonia futebolística” idealizada pelo Brasil e, agora, a ser cumprida por Portugal. Nesse projeto de continuidade esportiva e de afinidades culturais, as tensões históricas entre o antigo colonizador (Portugal) e a antiga colônia (Brasil) são minimizadas pelo fato de elas estarem espelhadas pelos seus contrários: o futebol brasileiro representaria agora a Metrópole em uma nova geopolítica mundial, enquanto o futebol português, antes marginal, passaria a representar o papel do coadjuvante emergente capaz de resgatar o brilho de sua ex-colônia. Otto Glória seria, portanto, o elemento galvanizador dessa amálgama futebolística. E, apesar de brasileiro de nascimento, sua lusitanidade seria comprovada e atestada pelas questões sentimentais e por sua devoção e entrega à seleção de Portugal. Exemplo singular disto é o que se lê em entrevista concedida a Amadeu José de Freitas – “Otto Glória na grande encruzilhada” –, publicada pelo *Jornal Record* após a Copa de 1966, em 06/08/1966:

*- Não é só como técnico de futebol que vos peço. É, também, como homem: a maior alegria que podem dar é vencer o Brasil. Peço-vos isso. Não me desiludam, por favor.*

*Estas palavras – ou idênticas, mas com o mesmo sentido – foram pronunciadas por um senhor, brasileiro de nascimento, treinador de profissão e, com certeza, português pelo coração: Otto Glória.*

*E estas palavras definem um carácter e definem, também, o trabalhador honesto, sério e dedicado. (...)*

*Pois, neste momento – como ele diz com toda a sua graça brasileira – é um “cara” sem emprego.*

*E o jornalista teve de dar-se por satisfeito. E mais ficará e todos os adeptos do nosso futebol gostariam se Otto Martins Glória, brasileiro de nascimento e português pelo coração não passar as fronteiras da nossa terra. O que ele fez justifica o desejo, não é verdade?*

#### 4. Breves análises: a “Era Scolari”

Já o técnico Luiz Felipe Scolari, quando aceita assumir a Seleção Portuguesa no final de 2002, contava em seu currículo o título da Copa do Mundo de 2002 pelo Brasil. Contudo, não conhecia a fundo da realidade do futebol português, uma vez que nunca havia atuado profissionalmente no país. Sua chegada a Portugal mistura um quê de júbilo e esperança, diante de seu currículo vencedor, e um quê de desconfiança e rejeição, pelo fato de ser estrangeiro e, especialmente, desconhecedor da realidade nacional. Nascido em 09/11/1948 em Passo Fundo (RS), Scolari permaneceu como treinador da Seleção Portuguesa de 2003 a 2008. Uma de suas primeiras decisões, já em março de 2003, foi o de convocar o jogador brasileiro Deco (Anderson Luís de Souza), que atuava no futebol português desde 1997. Deco havia se naturalizado português recentemente e, portanto, estava apto a defender a seleção lusa, uma vez que não havia atuado profissionalmente em seleções brasileiras até então.

A presença de um treinador e de um jogador estrangeiros (ambos brasileiros) à frente da Seleção Portuguesa foi alvo de várias reflexões e conflitos retratados e reconstruídos nas páginas da imprensa lusa, algo diferente do que se deu em linhas gerais na imprensa brasileira, que de forma geral procura valorizar a presença de brasileiros em equipas de outros países, no sentido de que o Brasil estaria emprestando o talento de seus profissionais para equipas desprovidas de qualidade técnica.

A questão, pouco explorada na imprensa brasileira, é que o caso de Deco não era o primeiro no futebol português. Antes dele, outros três atletas estrangeiros já haviam defendido a Seleção Portuguesa (nenhum deles, contudo, em fases finais de Copas do Mundo ou Campeonatos Europeus de Seleções). São eles o sul-africano David Julius (atuou na seleção lusa na década de 1960) e os brasileiros Lúcio Soares (década de 1960) e Celso Matos (década de 1970). Depois destes, e ainda sob o comando de Scolari na Seleção de Portugal, o brasileiro Pepe (Képler Laveran Lima Ferreira) viria a naturalizar-se português em 2007. E, após a saída de Scolari, outro brasileiro, o atacante Liedson (Liedson da Silva Muniz), acabaria também por se naturalizar em 2009.

No Século XXI, a imprensa lusa também marca claramente a clivagem diante da chegada destes brasileiros à Seleção de Portugal. Um dos sintomas disto é o peso que se dá a um dos principais elementos de identidade local: o hino nacional português. Aqui, destaca-se o conhecimento da letra do hino e o fato de os brasileiros entoarem o canto no início de cada partida internacional. O jornal *Record*, na edição de 11/06/2010, estampará a seguinte ironia no caderno de humor “O inimigo público: “Na altura do hino, Liedson vai cantar o “Tira o Pé do Chão”, da banda Eva, Deco vai cantar o “Amor Sertanejo” de Lucas e Mateus e o *tuga* Pepe vai cantar um fado de Amália”.

O zagueiro Pepe, aliás, será o alvo maior de grande parte dos textos humorísticos dedicados à Seleção Portuguesa, especialmente pelo fato de o jogador insistir em afirmar-se português, renegando a sua nacionalidade original (o atleta nasceu em Maceió, capital do Estado de Alagoas, no Brasil). No jornal *Record*, o suplemento “Off the Record – Salomão no Euro 2008” (uma produção ficcional dos autodesignados “Alcômicos Anónimos – Membro Honorário da Ordem do Infante D. Henrique) publica em 07/06/2008 o texto “Treino específico”, no qual apresenta algumas recomendações para o jogador e ironiza ao mesmo tempo sua prosódia e a do conhecido cantor Roberto Leal (nascido em Portugal e criado no Brasil):

[Pepe deveria] Ter uma conversa (bater um papo) com Roberto Leal, durante meia hora, duas vezes ao dia. Isto para que perceba que falar com sotaque brasileiro é uma coisa e falar com sotaque português é outra. Agora, os dois ao mesmo tempo já não é nada.

De todo modo, embora a presença na seleção portuguesa de atletas nascidos no Brasil tenha provocado polêmicas e discursos por vezes irônicos de reprovação, caberá a Luiz Felipe Scolari concentrar grande parte do debate publicado pela imprensa portuguesa sobre a presença de um técnico estrangeiro à frente dos destinos da equipe nacional. Os resultados que Scolari obtém nas duas primeiras competições oficiais de que participa são notáveis: o vice-campeonato do Europeu de Seleções em 2004 (em que pese o fato de Portugal ter sediado o evento) e o quarto lugar no Mundial de 2006, disputado na Alemanha (a melhor prestação do país numa competição mundial após o êxito de 1966).

Por um lado, Scolari passa a ser alvo de textos extremamente simpáticos e generosos, que buscam valorizar a importância do técnico e sua contribuição para os destinos do futebol português, como se pode verificar nos três exemplos a seguir publicados no jornal *A Bola*:

Pode-se gostar muito ou pouco de Scolari, pode-se – ainda mais naturalmente – não gostar de tudo em Scolari...; mas indiscutível é isto: só ele conseguiu construir o espírito de Selecção Clube de Portugal. (...) O Clube Portugal é a mais preciosa herança que Scolari vai nos deixar.

(“A Selecção Clube Portugal”, editorial assinado por Santos Neves em 02/06/2008, por ocasião do início da Eurocopa de 2004).

Não há português que não reconheça a coragem e a nobreza do gesto do seleccionador. Mesmo aqueles que antipatizam com ele. Ou seja, mais do que ajudar a promover o desfraldar da bandeira das quinas como nem no auge do Estado Novo se viu, Luiz Felipe Scolari tornou-se ele próprio uma bandeira de Portugal.

(Coluna “Ponto Final” assinada por Luís Óscar e com o título “Bandeira de Scolari”, publicada em 10/06/2004, também em alusão à Eurocopa de 2004).

Quanta emoção, ao ser proclamado comendador pelo Presidente da República; Uma distinção mais do que merecida. Além de ter feito muito pela Selecção Nacional, Felipão terá feito, pelo menos o mesmo, pelas relações luso-brasileiras. Obrigado e vamos atacar o 2006...

(“A lição de Portugal”, coluna assinada por José Manuel Delgado e publicada em 07/07/2004).

Por outro lado, Scolari é alvo de textos irônicos assinados por humoristas ou por colunas de humor, ao mesmo tempo em que sofre pesadas contestações por força de suas opções técnicas e táticas:

Esta nossa seleção luso-brasileira não joga nada, pá. Os brasileiros dizem que a bola dos portugueses é quadrada, mas quando os portugueses são treinados por brasileiros fica triangular. (...) O jogo com a Grécia foi uma humilhação tão grande que, ao que me contaram, o Deco até disse: “Eu, se fosse português, tinha vergonha!”

(Coluna de humor As crónicas de Zé Manel (de Ricardo de Araújo Pereira e Miguel Góis), com o título “Xii! Jogamos mal pra chuchu, cara!”, publicada no jornal *A Bola* em 15/06/2004).

Dezassete meses andou Scolari a preparar a equipa errada. Consumado o desastre anunciado, o seleccionador dispôs-se, enfim, a perceber o que todos já tinham percebido e cinco dias bastaram para se constatar ao que pode conduzir a uma fútil teimosia.

(Coluna Nortada, de Miguel Sousa Tavares, intitulada “Dezassete meses” e publicada no jornal *A Bola* em de 22/06/2004).

No entanto, é com a saída um tanto conturbada de Scolari da Seleção Portuguesa que as vozes dissonantes ganharam força. Durante a Eurocopa de 2008, o treinador assina contrato com a equipe inglesa do Chelsea, e o anúncio é feito ainda durante a primeira fase da competição. Depois que a notícia é divulgada, Portugal perde duas partidas e é eliminado do torneio. No jornal *A Bola*, na coluna “Segunda a fundo”, Carlos Pereira Santos publica em 23/06/2008 o contundente texto “22 e um manco”, no qual tece severas críticas ao treinador:

... desde sempre destestei a arrogância e a falta de perspicácia daquele senhor brasileiro que, é verdade, nos ajudou a disfarçar o pó das varandas com a nossa bandeira portuguesa. A máscara foi-se. Mentiu, ludibriou, não revelou respeito pela Selecção ao permitir, porque o permitiu, que o Chelsea anunciasse a contratação com um Europeu a decorrer.

Já o jornal *Record*, na edição de 16/06/2008, publica o artigo de opinião “God save the queen”, de autoria do jornalista Jorge Gabriel, conhecido apresentador do canal público de televisão português, a RTP:

*Entraremos, portanto, em depressão pós-scolariana e resvalaremos para a transferência da corte para o Rio de Janeiro como decidiu, em 1808, D. João VI? A nossa estimada nação degradar-se-á a ponto de*

*recolhermos envergonhados as bandeiras das janelas? A diáspora pedirá nacionalidade exclusiva aos países que a acolheu? Foram estes os exageros e as euforias que sustentaram uma doutrina que agora se desvanece. É uma epifania a troco de uns muitos, muitos milhões de libras.*

Estava em causa, aqui, mais uma vez, a não renovação do contrato de Scolari com a Seleção Portuguesa e a sua transferência para o Chelsea, de Londres. O artigo de Jorge Gabriel é crítico diante dos altos valores que, segundo ele, estariam por trás da decisão de Scolari e da subserviência nacional portuguesa que repetiria práticas históricas do país (a imigração – diáspora – e a referência à transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808).

## **5. Algumas considerações (quase) finais**

Estas breves leituras permitem-nos por ora considerar algumas questões. Inicialmente, a década de 1960 assiste à existência de dois regimes ditatoriais, um em Portugal (desde 1933) e outro no Brasil (a partir de 1964), os quais apostavam na imagem dos “Países Irmãos” e na pacífica relação entre os povos das duas nações. No Mundial de futebol de 1966, o futebol brasileiro, bicampeão mundial em 1958 e 1962, ocupava um patamar imensamente superior ao da Seleção Portuguesa, o que sobrevaloriza o confronto entre as duas equipas, realizado em 19 de julho de 1966 e que resultou na vitória dos portugueses por 3 x 1 (com a consequente eliminação do Brasil na competição). Do mesmo modo, o técnico Otto Glória mantinha uma presença e um histórico positivos no futebol português, diante de suas conquistas (campeão nacional em 1966 pelo Sporting) e sua permanência no país.

Já na primeira década do Século XXI, as relações comerciais e diplomáticas entre Portugal e Brasil tornam-se mais complexas; o fluxo migratório para a ex-metrópole é mais conflituoso, ao passo que a Seleção Portuguesa também passa a ocupar outro patamar no panorama internacional. As rivalidades acentuam-se, e as naturalizações e trocas de nacionalidade apontam para uma nova prática do “mercado da bola” – algo que é quase sempre entendido como motivo de soberania no Brasil (exportador de talentos) e como motivo de perda de soberania em Portugal (aceitam-se para defender nossas cores os estrangeiros que não tiveram espaço em seu país de origem).

Ao contrário do que ocorreu em 1966, quando a presença de Otto Glória na Seleção Portuguesa teve positiva aceitação do público e da imprensa, a “invasão brasileira” do começo do Século XXI foi recheada de tensões. Numa rota inversa dos descobrimentos marítimos, o início do segundo milênio cristaliza um fluxo contrário de imigração entre Brasil e Portugal: a ex-metrópole passa a assistir à maciça presença de jogadores brasileiros em campos portugueses, tudo isso num universo desportivo muitas vezes permeável a manifestações de xenofobia e intolerância, como apontava já em 2009 uma matéria publicada pelo *Jornal de Notícias* em 26 de janeiro, com o título “Portugal arrisca tornar-se liga de brasileiros”. O exagero apontava para o fato de que aproximadamente 35% dos atletas que disputavam o Campeonato Português eram de origem brasileira.

Por último, cabe ressaltar ainda o quanto a questão das nacionalidades permanece condicionada aos resultados desportivos: quando um estrangeiro obtém sucesso à frente da equipe de um país no qual ele não nasceu, sua aceitação e valorização são normalmente pacíficas. Louvam-se, nestes casos, a dedicação e o amor incontestes que tal profissional dedica a um grupo com o qual mantém laços não tão próximos. Como exemplo temos as passagens de Otto Glória pela Seleção Portuguesa no Mundial de 1966; do jogador Deco na Eurocopa de 2004 e no Mundial de 2006; e de Luiz Felipe Scolari, também nestas duas últimas competições. Por outro lado, quando o elemento estrangeiro não oferece resultados convincentes ou quando seu desempenho aparece manchado por comportamentos percebidos como reprováveis ou como pouco dignos da nação que ele representa, a reprovação surge com tonalidades fortes. O conflito torna-se, aqui, inevitável, e as vozes dissonantes ganham força e expressão. É o que ocorreu com o mesmo Luiz Felipe Scolari na Eurocopa de 2008, quando ele assina contrato com a equipe inglesa do Chelsea durante a realização da competição em que ele dirigia a Seleção de Portugal. A amizade fraterna entre os dois povos irmãos dá então lugar à intolerância e a confissões que beiram a xenofobia desenfreada.

## Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail M (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- Benveniste, Émile (1976). “Da subjetividade na linguagem”, em *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Editora Nacional/Edusp.
- Brandão, Helena H (s/d). Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed., Campinas (SP), Editora da Unicamp.
- da Matta, Roberto (1982). *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.
- Ducrot, Oswald (1987). *O dizer do dito*. Campinas, Pontes.
- Mainueneau, Dominique (1996). *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo, Martins Fontes.
- Orlandi, Eni P (2001). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas (SP), Pontes.
- \_\_\_\_\_ (org.) (1997). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2ª ed., Campinas (SP), Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M (1990). “Análise automática do discurso”, (1969), in GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp.
- Pinto, Milton José (1999). *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores.
- Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores.